

No distico da nossa estampa de hoje onde diz = caraes = deve ler-se = cabraes. =

Sua ex.ª Antonio de tomar, resolveu não ser accionista dos caminhos de ferro, pois que para vir de Thomar para Lisboa tem bom caminho, preparado pelo tio Rodrigo: e como é amiguinho d'elle, e não tem medo de rapazes, passa sem novidade na sua importante e desejada saude.



A ordem do dia continua sendo o caminho de ferro. A palestra do dia e da noite é o caminho de ferro, e por causa do caminho de ferro quanto ferro tem havido!... e haverá!...

Até nós, possuídos dos mesmos desejos, vamos mandar quanto antes construir *impreterivelmente*, caminhos de ferro especiaes, desde esta redacção á morada de todos os nossos assignantes de Lisboa, provincias e Ultramar, para o BURLESCO lhes ir directamente á porta. Bem, isto nada tem com a historia,

Portugal tem, ou tenciona ter tantos caminhos de ferro como grãos de alpista são necessarios para completar 30 moios, por consequencia não deve esquecer um caminho de Thomar para Lisboa, por que Thomar é uma das praças mais commerciaes da Europa.

E' contra esta medida que nós grazinamos tanto, como uma cigarra no mez de Julho; um caminho para Thomar é desnecessario, e limita-se essa verba de despesa, porque o nosso tio Rodrigo (é um tio que nós temos, mas não é tio direito, é torto) desde certa epocha, qualquer boadihuo que tem de seu, emprega-o em andar com um regador e um masso, *aplainando* o dito caminho! O trabalho vai em augmento, e parece-nos estar quasi concluido, por que tem sido incansavel como um mouro no serviço de Mafoma!

Feito este trabalho, que apesar de não ser dos mais difficeis tem suas cousas, pôde Antonio, e quem quizer, ainda que não

seja Antonio, vir em uma capoeira puchada por duas perúas, e chegar cá mais veloz do que se viesse em caminho de ferro, ou em um balão! Parece que este é o fim para o qual se deu principio, e prova-o a grande porção de MUDAS, que ahi se tem posto por essas terras, que realmente se não fosse com o fim de *puchar a capoeira*, caleche, ou o que quer que fôr, não sei para que serviriam.

Esta é a opinião geral, e ou seja porque nos parece razoavel, ou porque é verdadeira, o certo é que sonhámos hontem, que tínhamos visto o *tio em mangas de camiza*, e a escorrer em suor, trabalhando no nosso REINO, para arranjar a tal geringonça. Palmas são pouco para expressar esta cousa, vá em caricatura para se lhe poder dar o devido merecimento.

Temos a honra de a apresentar aos nossos leitores, juntamente com os nossos parabens, e em eterno reconhecimento ao tio Rodrigo.

A FEIRA DO CAMPO GRANDE.



O Campo Grande é o primeiro que se encontra, indo do Campo Pequeno em caminho da nova Cintra.

Domingo 10 deu a sua abertura, onde se representou o drama continua intitulado a *Pasmaceira*.

A companhia, que é numerosa, e composta de bolaxeiras, queijadeiras, quinquilharias, taberneiros, ourives, *marshands* de braxe, de pauno de linho, de nozes, de avelã, etc. etc.

O cidadão que vai á feira pôde comprar o que quizer, levando dinheiro; e não levando, pôde heber agoa, passear e vêr tudo de mofo, menos os arlequins,

A primeira cousa que se encontra notavel na feira é uma barraca, onde se vendem barbas em segunda mão, para uso domestico! Depois o cidadão fica magnetizado com o cheiro da isca, que ordinariamente é osso e molho, porém como em cada casa de pasto (de lona) está estabelecida uma *dictadura*, quem lá entrar hade sujeitar-se ás ordens e estilos, e se fôr atraz do cheiro e do choro, fica sem *fundos*, ainda que os tenha como *especiaes*, e para *amortisação* das suas economias. Está provado que, quem se aproximar de *iscas*, fica sem *fundos*.

O cidadão pobre tambem pôde ser magnetizado, e como ordinariamente não tem *fundos*, saborêa o seu bife sombrio por um vintem, bebe uma pinga no colete encarnado, come o seu vintem de peras co-

zidas, e fica mais contente, satisfeito e descansado do que se tivesse jantado luttamente no escoveiro! Grande cousa é ser pobre, e não ter *fundos*, por que não tem medo de os vêr ir em caminhos de ferro, e perdê-los de vista!!! Que pena temos nós de não sermos tambem pobres!!

E' desnecessario dizer o mais que se vê na feira, o nosso desejo foi só fallar das *iscas*.

No caminho para lá e para cá encontra-se muita gente em *lurros*, muito *burro* sem gente, muita capoeira, muito omnibus, muito ratão com a sua meia oitava de nozes no lenço pendurado na bengalla, muita senhora de capote no braço, muito rapaz a tocar gaitinha, e o mais célebre é ordinariamente virem mais gordos do que foram; os ares do campo são bellos para a saude! porém apenas se entra na cidade e se occupa o pensamento com a idéa de uma dictadura do tio Rodrigo, e do caminho de ferro, começa o estomago a fazer caretas, e os olhos a enviltraçarem-se; e o resultado é o que muitas vezes se vê, a que o vulgo dá interpretações muito differentes, sendo pela maior parte das vezes os motivos que acabamos de expôr, e não o que se supõe.

Estrada do Rego, 12 de Outubro de 1852.

Pedimos a quem esteja no caso de nos valer, que tenha a bondade e caridade de não consentir, ou para melhor dizer, prohibir por uma ordem expressa, que nenhum batbeiro deite para a rua as barbas que cortar aos freguezes, por que defronte de algumas lojas não se pôde passar, em consequencia da muita abundancia de semelhante *lirio* que se amontoa e incommoda o transitio aos viandantes.

AVISO INTERESSANTE.



Supplemento Burlesco de hoje em diante distribue-se GRATIS a quem o quizer, e ainda em cima recbe 30 rs.!!!

N. B. Para gosar esta garantia é mister apresentar-se o pretendente no escriptorio da redacção, fardado de pequeno ou grande uniforme (de 1.ª linha) e com barbas!!!

Quem estiver nestas circumstancias, e queira aproveitar, das 9 horas da manhã ás 3 da tarde, será recebido, e levará os numeros que quizer.

Não gosam desta garantia os porta-machados.



THOMAR

LISBOA



OTIO RODRIGO APLAINANDO O CAMINHO PARA OS CABRÉS.

COLECCAO DE ESTAMPAS